



Slow Design, upcycling e consumo: o papel do design na cadeia produtiva

Slow Design, upcycling and consumption: the role of design in the production chain

Suzana Maria Abreu e Silva, Tiago Barros Pontes e Silva

design, movimento slow, sustentabilidade, upcycling

O presente relato propõe uma abordagem de pensamento crítico da atividade de design frente a estrutura complexa de produção e consumo hoje vigentes, discutindo suas responsabilidades e a maneira como sua participação pode transformar a cadeia produtiva. Para tanto, é apresentada uma perspectiva histórica do papel do designer, a abordagem sugerida pelo movimento *slow*, e os modelos cíclicos e contínuos de compreensão do processo de design.

design, slow movement, sustainability, upcycling

This report proposes a critical thinking approach to design activity across the complex structure of production and consumption currently in force, discussing its responsibilities and participation to transform the supply chain. Therefore, it is presented a historical perspective of the designer role, the approach suggested by the slow movement, and cyclic and continuous models of understanding of the design process.

1 Introdução

O sistema neoliberal criou a oportunidade para que grandes corporações se aliassem ao Governo na composição de uma rede complexa de relações que determina hoje nossa economia. Contudo, existem hoje muitas críticas quanto aos benefícios dessas relações para o nosso meio social e ambiental. Em uma sociedade pautada pelo consumo, com ações que partem de uma prerrogativa necessariamente mercadológica, essas grandes empresas são responsáveis pelo aumento de impactos ambientais, sociais e econômicos atuais, agindo sobre o guarda-chuva estatal (LEBOW, 1955).

O pensamento hegemônico de crescimento é hoje questionado devido a impossibilidade de crescimento acelerado em um ambiente de recursos finitos. Nesse sentido, outras abordagens de pensamento sobre o nosso modo de consumo têm se apresentado como uma alternativa ao modelo vigente, visando adequar o nosso cotidiano aos limites de transformação sustentável de nosso meio. Entre eles, encontra-se o movimento *slow*, revisando a noção de progresso pela celeridade de produção e consumo.

Assim, o objetivo do presente relato é propor uma abordagem de pensamento crítico da atividade de design frente a estrutura complexa de produção e consumo hoje vigentes, discutindo suas responsabilidades e a maneira como sua participação pode transformar a cadeia produtiva, considerando-se a ótica do movimento *slow* e dos modelos cíclicos e contínuos de compreensão do processo de design.

2 O sistema acelerado de produção e consumo

Determinados momentos históricos foram decisivos para o estabelecimento do modelo de consumo acelerado que conhecemos hoje. Talvez um dos mais pertinentes tenha sido a segunda Revolução Industrial. Ela é responsável por uma aceleração significativa do processo produtivo, implicando também no aumento da produção. Assim, com o aumento da quantidade de produtos ofertados, o seu preço foi reduzido, permitindo que a população tivesse acesso a um consumo mais amplo.

Entretanto, para a manutenção dessas estruturas amplas de produção, é necessário que haja um fluxo contínuo de produção e consumo, no qual a manutenção do lucro das grandes empresas se torna atrelado à necessidade de criação de ferramentas que estimulem o consumo ininterrupto.

Nesse contexto, surgem fenômenos como a obsolescência programada, na qual o produto é planejado para um ciclo de vida mais curto, com o seu fim previsto de maneira antecipada, visando a sua substituição. Outro evento semelhante é o da obsolescência perceptível, na qual novos produtos são concebidos com aparência modificada, tornando a percepção que os consumidores possuem dos produtos anteriores para modelos já ultrapassados. Ainda, existe também a obsolescência funcional, na qual os produtos perdem o seu valor pela sobreposição de novos produtos com ajustes de funcionalidade.

Esses mecanismos acabam concebendo não apenas uma nova abordagem de consumo, mas também uma nova maneira de significação do processo de consumo, na qual os produtos passam a ser percebidos como signos desejáveis, que permitem o reforço da identidade individual, posicionando as marcas como emissores de valores. Nesse contexto, segundo Lebow (1955), o consumo precisa se tornar um modo de vida, uma verdadeira busca pela satisfação pessoal, uma espécie de religião. Esse efeito faz com que, cada vez mais, os produtos precisem ser produzidos e descartados mais rapidamente.

3 O designer no sistema capitalista

Com o mecanismo de aceleração do processo de consumo, o designer acaba se distanciando do pensamento que envolve toda a cadeia produtiva. Isso ocorre porque o seu foco é direcionado para a concepção de produtos mais desejáveis, a fim de desencadear o processo de consumo. Nesse sentido, ocorre uma compartimentalização de sua atuação, na qual a atribuição da reflexão acerca do seu impacto em uma rede complexa de fenômenos econômicos, sociais e ambientais fica a cargo de uma outra entidade.

Acredita-se que esse direcionamento do papel do designer para a busca inquestionável pela inovação reduza o seu potencial de ação. A pertinência de seu impacto social acaba sendo omitida, de forma que a sua expertise em identificação, compreensão e resolução de problemas não seja capaz de gerar um benefício social efetivo, que possa incorporar a origem dos materiais empregados, a sua produção, montagem, distribuição, armazenamento, venda, uso, descarte e reinserção.

Segundo Fletcher (2008), a maior parte dos trabalhos de design está intimamente ligada a uma agenda comercial de transformar matéria e energia em produtos, e, posteriormente, os produtos em resíduos. Esse processo ocorre sempre em quantidades cada vez maiores, visando garantir aumento das vendas e crescimento do negócio (FLETCHER, 2008). Entretanto, quando o foco de concepção do produto se resume ao crescimento econômico e material, a existência do produto perde parte de seu propósito. Muitas vezes, essa transformação do papel do designer torna o ciclo produtivo prejudicial em diversos aspectos, podendo gerar impactos profundos em dimensões sociais, econômicas ou ambientais, como a redução da nossa capacidade ambiental nas últimas três décadas (HAWKEN, LOVINS & LOVINS, 1999). Também pode ser considerado efeito resultante desse processo o aumento exponencial da utilização do trabalho escravo no

mundo, que envolve mais de 10 milhões de pessoas atualmente (FREE THE SLAVES, 2015). Ainda, são frequentes as dominações de condições e quantidades de empregos disponíveis por grandes corporações (NEUMARK, ZHANG & CICCARELLA, 2007).

4 A abordagem *Slow*

Uma das perspectivas de ação sugeridas enquanto contraponto ao crescimento material desenfreado é o movimento *Slow*. Segundo Carl Honoré (2005), o movimento *slow* defende que a velocidade não implica em progresso. Sob a ótica do mercado de produtos, a sua proposta consiste em problematizar não somente a lógica de cadeia produtiva, mas a necessidade humana de posse. Com isso, sugere a noção de uma compreensão mais profunda daquilo que já se possui para, a partir desse passo, iniciar o processo de desaceleração do consumo.

Ainda, entende-se que o pensamento de uma escala linear de produção, ou seja, focado em extração e eliminação, tornará a matéria prima escassa no planeta. Os recursos se tornam finitos dentro dessa perspectiva, pois ao não se considerar os tempos de regeneração, eliminação ou extração, esgotam-se as possibilidades de reposição desses recursos. Contudo, existem outras abordagens de pensamento, como os modelos cíclicos. Nesses modelos, são pertinentes os sistemas que celebram a abundância de materiais e a inventividade humana como mantenedores do ciclo positivo de produção, considerando-se os tempos adequados para extração de recursos do meio, valorizando-se os materiais empregados.

Segundo Michael Braungart e William McDonough (2014), a própria noção de algo jogado fora não é compatível com a realidade. Não existe lixo, partindo-se da perspectiva de que os materiais não desaparecem do sistema somente porque foram descartados, independentemente de seu uso ou apropriação. Nesse sentido, propõem que os materiais deveriam ser utilizados até atingirem a sua forma mais básica, para então retornarem ao meio ambiente, ampliando-se o tempo disponível para a sua regeneração. Com isso, sugere-se a ponderação de que os produtos industriais possuem um enorme potencial de configurações e usos possíveis, mesmo após o que é considerado atualmente como descarte.

5 O papel do designer

O designer que opera sem uma reflexão ou pensamento crítico acerca de sua atuação não se coloca como um profissional, mas como uma ferramenta de outros atores. Mas como compreender de forma abrangente o seu papel? O que se propõe é um olhar que esboce o seu potencial, sugerindo-se as possibilidades de implicações perigosas ou revolucionárias dessas ações. Um designer pode ser capaz de contribuir para uma cadeia de problemas amplificados em escala, assim como pode propor soluções adaptativas para a sua diluição.

Entretanto, a partir do olhar de Cardoso (2012), entende-se que não podem ser adotadas posturas extremas, como o deslumbamento, no qual o projetista considere ser possível antecipar e resolver os possíveis desdobramentos dessa trama complexa que compõe as nossas relações na atualidade, assim como não pode ser assumida uma postura de resignação frente a impossibilidade de vislumbre dos comportamentos emergentes desses sistemas.

Nesse sentido, compreende-se que a capacidade do designer de intervir em todo e qualquer etapa de um processo de consumo consiste na possibilidade de criação de novos meios produtivos, mas que também reside no potencial de transformar os meios já estabelecidos. Com isso, os processos adaptativos de design podem auxiliar os projetistas na adequação contínua dos produtos concebidos e de sua cadeia produtiva, agindo com ênfase em valores responsáveis em dimensões sociais, econômicas e ambientais (VASSÃO, 2010). Assim, agindo juntamente com outros interagentes e fluxos de movimentos, segundo Ann Thorpe (2013), os designers podem começar a se apropriar da economia para fins sustentáveis, em vez

de deixar que a economia os use para o crescimento econômico.

6 Considerações

Esse estudo discute o papel do designer e suas implicações na cadeia produtiva. Propõe-se que esses profissionais sejam capazes de se libertar de suas atribuições históricas como os agentes da inovação, para uma reflexão crítica acerca da pertinência de seus escopos, assim como dos seus desdobramentos consequentes em uma trama complexa de relações sociais, econômicas e ambientais. Nesse sentido, são propostas abordagens distintas de atuação, como o movimento *slow*, as abordagens cíclicas de transformação de materiais, e os processos adaptativos de design.

Referências

- BRAUNGART, M.; MCDONOUGH, W. 2014. *Cradle to cradle: Criar e reciclar ilimitadamente*. GGBrasil: São Paulo.
- CARDOSO, Rafael. 2012. *Design para mundo complexo*. São Paulo: CosacNaify.
- FLETCHER, K. 2008. *Sustainable Fashion & Textiles Design Journeys*. Earthscan: London.
- FREE THE SLAVES. 2015. In: *Slavery Today*. Disponível em: <http://www.freetheslaves.net/about-slavery/slavery-today/> - acesso 10/4/2015.
- HAWKEN, P.; LOVINS, A.; LOVINS, H. 1999. *Natural Capitalism: Creating the Next Industrial Revolution*. Little, Brown & Company.
- HONORÉ, C. 2005. *In Praise of Slowness: Challenging the Cult of Speed (Plus)*. HarperOne.
- LEBOW, V. 1955. Price Competition in 1955. *Journal of Retailing*.
- NEUMARK, D.; ZHANG, J.; CICCARELLA, S. 2007. The effects of Wal-Mart on local labor markets. *Journal of Urban Economics*, v.63: 405-430. Elsevier.
- THORPE, A. 2013. *Better consumption or less consumption - Battling surveys & reports*. Disponível em: <http://designactivism.net/archives/788> - acesso 10/4/2015.
- VASSÃO, C. A. 2010. *Metadesign: ferramentas, estratégias e ética para a complexidade*. São Paulo: Blucher.

Sobre os autores

Suzana Maria Abreu e Silva, Bacharelada em Design, UnB, Brasil <suzzana.sm@gmail.com>

Tiago Barros Pontes e Silva, PhD, UnB, Brasil <tiagobarros@unb.br>